

ENSINO DE ARTE DECOLONIAL NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA

JAILSON VALENTIM DOS SANTOS¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹Universidade Federal de Pelotas – valentim8@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – nadiadacruzsenne@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a produção acadêmica sobre o Ensino de Arte no Brasil a partir de uma perspectiva decolonial. Trata-se de um mapeamento de dissertações de mestrados e teses de doutorado defendidas entre 2019 e 2024 nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) das universidades brasileiras, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A pesquisa adota abordagem qualitativa, incorporando procedimentos quantitativos na coleta, organização e análise dos dados.

O recorte contempla produções cujos referenciais dialogam com autores brasileiros e com o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), que propõe uma revisão crítica da epistemologia ocidental por meio dos eixos colonialidade do poder, saber e ser (Walsh, Oliveira, Candau, 2018). A noção de “pedagogia decolonial” (Walsh, 2013) destaca a desobediência epistêmica (Mignolo, 2008) e propõe a valorização de saberes diversos, para além das matrizes eurocêntrica e estadunidense, reconhecendo a dimensão política do ato educativo (Freire, 1996).

O objetivo é compreender como o Ensino de Arte decolonial tem sido abordado nas pesquisas acadêmicas, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para uma investigação em andamento, desenvolvida no sertão do Seridó (RN) e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPel.

2. METODOLOGIA

Este estudo, ao sintetizar o conhecimento acumulado sobre o Ensino de Arte no Brasil sob uma perspectiva decolonial, possibilitou não apenas o mapeamento da produção acadêmica recente, mas também a identificação da emergência e consolidação de epistemologias insurgentes no campo da Arte/Educação. Por meio

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGArtes/UFPel, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética.

² Doutora em Ciências da Comunicação, Professora Associada do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

da análise sistemática de dissertações e teses defendidas entre 2019 e 2024, observou-se que a perspectiva decolonial vem se consolidando como orientação teórico-metodológica e política relevante para tensionar os limites da atuação docente e ampliar os horizontes da produção de conhecimento na área.

A metodologia adotada combinou abordagens qualitativa e quantitativa. Inicialmente, foi realizado um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando o descritor “Arte-Educação”, o que resultou na identificação de 1.337 trabalhos — sendo 887 dissertações de mestrado e 226 teses de doutorado. Posteriormente, aplicou-se o filtro “Educação Decolonial”, delimitando o corpus a 46 dissertações e 19 teses dentro do recorte temporal estabelecido. Essa estratégia permitiu mapear, em âmbito nacional, a produção que articula o Ensino de Arte em contextos escolares e comunitários a partir de referenciais decoloniais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ensino de Arte no Brasil é fortemente influenciado pelas estruturas da colonialidade do poder, do saber e do ser, o que compromete, ao menos em parte, os processos de formação inicial e continuada de professores, bem como a atuação desses profissionais no contexto escolar. Moura (2019) argumenta que pensar a Arte/Educação sob a ótica da decolonialidade não significa deslegitimar os conhecimentos produzidos pela perspectiva europeia, mas sim distinguir essa produção de um horizonte eurocêntrico. Para o autor, “implica, necessariamente, legitimar os saberes em arte de matriz latino-americana”, potencializando questionamentos “anti-hegemônicos e anti-hierárquicos em favor do pensar/fazer/ser/sentir decolonial, compreendendo os lugares subalternizados como lugares de enunciação” (Moura, 2019, p. 33).

Nos trabalhos analisados, a decolonialidade é apresentada como um conceito teórico e político que visa superar os três eixos estruturantes da colonialidade: poder, saber e ser. Ela implica a ruptura com os padrões coloniais ainda presentes em diversas esferas sociais, sustentados pelas estruturas do colonialismo. Nesse cenário, as pedagogias decoloniais surgem como alternativas que valorizam epistemologias locais, saberes subalternizados e práticas culturais historicamente invisibilizadas. A produção acadêmica examinada revela um movimento de resistência e reexistência, que busca romper com a centralidade do

eurocentrismo na formação docente e nas práticas pedagógicas no campo das Artes.

Embora ainda em processo de consolidação, o levantamento demonstrou a presença significativa de investigações que articulam o Ensino de Arte a epistemologias decoloniais, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural brasileira – especialmente das expressões indígenas, afro-diaspóricas, ciganas, ribeirinhas, periféricas e LGBTQIAPN+, como aquelas presentes nos sertões nordestinos. Essa pluralidade de saberes e fazeres constitui uma fonte legítima de conhecimento, com potencial para impulsionar práticas educativas críticas e transformadoras. Esse movimento dialoga com a urgência de uma educação mais justa, plural e comprometida com a emancipação dos sujeitos, como defendem Paulo Freire, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, entre outros, ao ampliarem o debate sobre raça, classe, gênero e geopolítica.

As práticas decoloniais tornam-se, assim, ferramentas cruciais para desafiar o eurocentrismo, tanto no campo epistemológico quanto no cotidiano escolar. Elas se manifestam na inserção de saberes de grupos subalternizados no currículo, tensionando estruturas de poder e viabilizando uma proposta pedagógica descolonizadora. A valorização de línguas e tradições ancestrais, somada aos saberes e fazeres das comunidades, compõem uma estratégia fundamental de ruptura com o cânone eurocêntrico.

Por fim, o enfrentamento ao patriarcado e ao racismo – práticas estruturalmente arraigadas na sociedade brasileira – tem sido conduzido com coragem pelos movimentos feministas decoloniais (Gonzalez, 2020; Hooks, 2018). O sistema capitalista, que reduz tudo a mercadoria, é desestabilizado por práticas de economia solidária, fundadas em experiências comunitárias que rompem com a lógica binária de mercado entre produtor e consumidor.

4. CONCLUSÕES

As práticas artísticas escolares no Brasil oscilam entre a reprodução e o rompimento com a colonialidade do saber, a depender das intencionalidades pedagógicas, das políticas curriculares e das vivências culturais que atravessam o contexto educacional. Em muitos casos, observa-se uma forte tendência à reprodução de modelos eurocêntricos, nos quais as referências artísticas

privilegiadas são aquelas legitimadas por instituições ocidentais — como museus, cânones da arte europeia e linguagens formais —, silenciando as expressões populares, indígenas, afro-brasileiras, periféricas e LGBTQIAPN+. Tal abordagem contribui para a manutenção da colonialidade, ao desvalorizar saberes locais, desconsiderar os territórios e reforçar hierarquias culturais impostas historicamente pela colonização.

Por outro lado, práticas artísticas engajadas e comprometidas com a escuta das comunidades, o reconhecimento dos saberes ancestrais e a valorização das múltiplas formas de expressão — especialmente aquelas produzidas nos territórios indígenas, quilombolas, sertanejos e urbanos populares — podem romper com essa lógica colonial. Ao promover o diálogo entre os conhecimentos escolares e os saberes oriundos da experiência, da oralidade, da espiritualidade e da resistência, o Ensino de Arte torna-se um espaço potente para a decolonização do currículo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Arte/Educação Decolonial na América Latina. In: *Cadernos de estudos culturais*. Campo Grande, MS, v. 1, nº 21. Abr, 2019.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine.; OLIVEIRA, Luiz F.; CANDAU, Vera M. *Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra*. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, V. 26 n.83, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874> [Acessado em 10 de maio 2025].